

## Banca fecha economia

A quebra no investimento direto estrangeiro no primeiro semestre para quase metade do período homólogo em 2015 resultou tanto do decréscimo de participações em empresas nacionais como de menos instrumentos de dívida, tendo cerca de um terço dos fluxos ocorrido na banca e seguros. Trata-se de séries notoriamente voláteis onde os erros de medição são frequentes e mais significativas do que noutros agregados macroeconómicos. Ainda a observação serve de cabide do dia para um juízo negativo sobre a conjuntura. Numa altura em que nenhum dos países significativos do G20 revela dinamismo económico nem financeiro e vários enfrentam a ameaça da estagnação nominal, uma pequena economia aberta como a nossa que reconquistou o financiamento de mercado deve destacar-se pela positiva de outros países da OCDE, e sobretudo da zona do euro. Só assim podem consolidar-se os ganhos de reputação financeira e transformá-los em oportunidades de inovação, numa parceria estratégica entre o governo e as associações empresariais - como a ensaiada durante o período de ajustamento através do “conselho estratégico para a internacionalização da economia”. Assim foi possível alavancar a concertação social tripartida, por vezes demasiado legalista e dominada por setores não competitivos, não ficando refém do sindicalismo de classe, que só protege os seus desempregados. Como revela um estudo do FMI recentemente apresentado na minha Faculdade, importa criar mais empregos para aqueles que foram desproporcionadamente afetados pelo ajustamento, evitando assim medidas que politizam os aumentos salariais. Só mantendo o aumento do valor acrescentado das exportações, a transparência do controle e da eficiência da despesa pública bem como a reestruturação da dívida das empresas permitirá evitar um regresso ao passado da economia fechada e não transacionável. Ameaçada em toda a parte, a banca continua, segundo o FMI, a padecer de baixa qualidade dos ativos, margens de juro reduzidas e crédito pouco dinâmico. Ora em Portugal, conseguiu-se introduzir incertezas suplementares relativas à banca privada, quarenta anos depois das nacionalizações da banca e seguros e da desastrosa experiência do monobanco. As reformas estruturais deveriam assim manter os quatro eixos do citado conselho para a economia aberta, retiradas dos indicadores de facilidade de negócios divulgados pelo Banco Mundial: arranjar crédito, obter licenças, pagar impostos e ter transações com o exterior. Não se pode acreditar em profissões de fé europeia quando a banca fecha a economia, como tem acontecido. E um bom outono na costa oeste da Europa agradaria a todos, incluindo o nosso aliado tradicional!